



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Júnior Andrade, Hermes de; Aguiar de Souza, Marcos; Brochier, Jorgelina Ines
Representação Social da Educação Ambiental e da Educação em Saúde em Universitários
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 43-50
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817107>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Representação Social da Educação Ambiental e da Educação em Saúde

Hermes de Andrade Júnior

Fundação Oswaldo Cruz

Marcos Aguiar de Souza¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Jorgelina Ines Brochier

Universidade Gama Filho

Resumo

A crescente globalização tem promovido modificações econômicas, políticas e culturais em diversos setores. A situação de interdependência tem favorecido a discussão de temas de interesse mundial, como a educação ambiental e a educação em saúde. O presente estudo teve como objetivo investigar as representações sociais da educação ambiental e da educação em saúde. Foram selecionados 204 estudantes universitários da cidade do Rio de Janeiro, sendo 106 homens e 98 mulheres, na idade média de 26,9 anos. Os participantes preencheram um questionário com perguntas relativas a concepções pessoais sobre educação ambiental e educação em saúde. Da análise das respostas, através da técnica de análise de conteúdo, emergiram três categorias relativas à educação ambiental (concepção antropocêntrica utilitarista, concepção antropocêntrica pactuada e concepção ecocêntrica) e quatro categorias relativas à educação em saúde (saúde como ausência de doença, ênfase na saúde do corpo, saúde como equilíbrio corpo-mente e concepção ecocêntrica de saúde). As conclusões remetem ao entendimento de que meio ambiente e saúde ainda são temas independentes, dificultando ações mais eficientes por parte da população e de entidades governamentais e não governamentais.

Palavras-chave: Representação social; educação ambiental; educação em saúde; meio ambiente.

Social Representation of Environmental Education and Health Education in College Students

Abstract

The growing globalization has been promoting economic, political and cultural modifications in several sectors. Such interdependence has been favoring the discussion of themes of global interest, as the environmental education and health education. The present study aimed to investigate the social representations of the environmental education and of the health education. 204 university students of the city of Rio de Janeiro, 106 men and 98 women, with an average age of 26,9 year-old, participated in a questionnaire with questions on personal conceptions concerning environmental education and health education. The analysis of the responses, through the technique of content analysis, revealed three categories concerning environmental education (utilitarian anthropocentric conception, agreed anthropocentric conception and ecocentric conception) and four categories concerning health education (health as absence of disease, emphasis on body health, health as body-mind balance and ecocentric conception of health). The conclusions suggest that environment and health are still understood as independent themes, hindering more efficient actions on the part of the population and governmental entities.

Keywords: Social representation; environmental education; health education; environment

Nas últimas décadas do século XX, as mudanças radicais em várias esferas das sociedades, reunidas sob o rótulo de globalização, despertaram o interesse tanto de especialistas quanto do cidadão comum. As discussões decorrentes

uma crise na economia de um país, percebida em diversas partes do mundo, não se refere ao único aspecto da transformação. Em outro plano,

sócio-ambientais, ecológicos, éticos e estéticos nos objetivos didáticos da educação, com o objetivo de construir novas formas de pensar incluindo a compreensão da complexidade e das emergências e inter-relações entre os diversos subsistemas que compõem a realidade. O ponto central é que a preservação/recuperação do ambiente é algo que atinge a todos (Leff, 2001). Assim, temas como o aquecimento gradual do planeta, a poluição dos oceanos, a poluição do ar, a camada de ozônio, a possibilidade de acidentes nucleares, causam ampla preocupação, independente da nacionalidade do indivíduo.

Particularmente no Brasil e exemplificado pela iniciativa de Medina e Santos (1999), constata-se um esforço tanto no sentido de promoção de discussões relativas aos temas em questão, como na elaboração de leis que sustentem a educação ambiental como condição de sensibilização da população contra o exagero do consumo, em favor de hábitos que favoreçam a saúde da coletividade e pela busca dos diagnósticos de sustentabilidade.

São amplamente reconhecidas as relações entre as modificações do ambiente e suas influências na saúde da coletividade. O enfoque ecossistêmico sobre o meio ambiente que abrangem desde os ecossistemas naturais que sofreram influências humanas mínimas até os ecossistemas intensamente manejados pelo homem, proporcionam um arcabouço conceitual adequado para a epidemiologia ambiental aplicada ao estudo das mudanças globais (Rapport & cols., 1999).

Em relação à educação em saúde, podemos considerar que vivemos numa época em que a qualidade de vida está em voga, constituindo um tema que assume proporções mundiais. Ao falarmos de saúde, buscamos uma compreensão ampla do que seja “ser saudável”. Cabe ressaltar que a questão da qualidade de vida nos remete de maneira fundamental a uma articulação entre condições 1) objetivas, como esperança de vida ao nascer, alfabetização e renda; e 2) subjetivas, como avaliação do estado de saúde, valorização do conhecimento formal e informal, satisfação com os serviços, recursos e redes sociais de apoio (Uchoa, Rozemberg & Porto, 2000). É neste ponto que surge uma

educação em saúde. Tal conclusão pode nos ajudar a constatar que tanto a educação ambiental quanto a educação em saúde tem por objetivo comum a melhoria da qualidade de vida da população de modo geral. Podemos considerar que um projeto educativo envolve treinamento e conhecimento de fatos. Deve levar à busca de novas fontes e saídas ou, ainda, à recuperação de valores e posições antigas e frutíferas, visando à melhoria da realidade em seus diferentes níveis, visando a uma educação universal (Grynszpan, 1999).

Seguindo o mesmo raciocínio, Mello e colaboradores (1998) consideram que essa relação entre educação e educação em saúde pode ser observada em vários aspectos sobre a promoção à saúde, como a Carta de Ottawa, produto final da I Conferência Internacional sobre a promoção de saúde realizada pela Organização Mundial da Saúde em 21 de novembro de 1986 no Canadá. Nesta conferência foram definidos cinco pontos principais: 1) o desenvolvimento de políticas saudáveis organizadas pelo setor público; 2) o reforço à ação comunitária; 3) o desenvolvimento de habilidades pessoais; 4) a preocupação com a saúde; 5) a reorientação dos serviços de saúde.

Conforme a Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, a educação ambiental é entendida como o conjunto de ações que, por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos voltados para a conservação do meio ambiente, bem como do comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e à sustentabilidade” (Artigo 1º), sendo uma condição essencial e permanente da educação nacional. A educação ambiental, presente, de forma articulada, em todas as modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (Artigo 2º).

O esforço normativo aponta para o reconhecimento da educação ambiental porque pressupõe o reconhecimento de que a educação tradicional não tem abarcado a educação de forma satisfatória. Consequentemente, a educação ambiental deveria constituir parte íntima da educação, não sendo uma modalidade ou uma de suas dimensões. Assim, aparece a reafirmação da questão ambiental e

responsáveis”. Para ilustrar a problemática e seu significado, Brügger (1994) nos diz que:

embora a palavra *formação* seja em princípio bem mais adequada, a simples substituição de uma palavra por outra pode não significar nada². É que embora palavras como *treinamento* se encontrem, *a priori*, fortemente associadas a uma visão de mundo instrumental, o que realmente imprime esse traço marcante é o fato de várias delas se apresentarem juntas em um mesmo contexto. Assim, é preciso analisar a relação dialética da quantidade e qualidade das palavras e não só o seu significado latente. (p. 79)

Não se pretende com esta nota chegar até o esforço semântico da lingüística que qualifica o problema que apresentamos, mas entende-se que a formação, em sua abrangência, é alinhada com a idéia de valorização da preparação pessoal ou profissional de indivíduos para serem atuantes e críticos. A própria idéia de linearidade geral da formação também deve ser evidenciada como insatisfatória, haja vista que as demandas sociais, econômicas, políticas se interligam e não são tratadas, definitivamente, nos dias de hoje, de forma estanque.

A educação em saúde, de forma geral, focaliza o encorajamento das pessoas para que adotem e mantenham padrões de vida saudáveis, usando de forma adequada os serviços colocados à sua disposição e tomando suas próprias decisões, no nível individual e coletivo, com vistas a aprimorar condições de saúde e de meio ambiente. Assim, para Vasconcelos (1998), a educação em saúde é o campo de prática e conhecimento do setor de saúde que tem se ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação médica e o pensar e fazer cotidiano da população. Situação bem diferente daquela existente até a década de 1970, quando tinha como foco principal elites políticas e econômicas, sendo subordinada aos seus interesses. Voltava-se para a imposição de normas e comportamentos

considerados adequados por autoridades médicas e populares, que conquistaram maior espaço na educação em saúde foram esvaziadas. A assistência médica individualizada e a educação em saúde foram esvaziadas.

Ao se falar em educação, tanto no âmbito da saúde quanto em relação à saúde, há que se considerar medidas preventivas e inovações tecnológicas que devem ser enfatizadas em detrimento da curatela. Em outras palavras, existe uma necessidade de tais temas, de modo que medidas preventivas e inovações tecnológicas seriam ineficientes, à luz da realidade e OPAS. A ampla participação da sociedade se faz, assim, necessária.

Entende-se que tanto a educação em saúde são propostas de construção de conhecimentos que relacionam o homem com a natureza e em conjunto com os ecossistemas. Nestes termos, a utilização dos eixos conceituais da educação ambiental (1992) nos estudos relativos à saúde e ao meio ambiente (o do 1) antropocentrismo e o do 2) ecocentrismo seguem com base na tendência de construção de conhecimentos com os ecossistemas e na formação de valores que mobilizam, princípios que também são utilizados no estudo, justificando-se assim o olhar para a educação ambiental e para a saúde, sendo socialmente percebidas.

Eckersley estabelece que cada um dos movimentos ambientais com o tempo se com a articulação da tecnologia e das oportunidades para a emancipação da sociedade ecologicamente sustentável e o reconhecimento do mundo natural.

A concepção ambiental ambiental arcaica e o entendimento do homem como um ser da natureza para melhorar sua

Tabela 1

Resumo da Classificação de Eckersley

Antropocentrismo

Ecocentrismo

interessante perceber que dizer que o homem é o elemento mais importante não se refere a uma simples retórica. A própria lei 9.795, como discutido acima, faz alusão a uma concepção antropocêntrica ambiental.

Por outro lado, a concepção ecocêntrica ambiental está baseada no entendimento de que a principal preocupação deve ser com a natureza. O homem é visto apenas como um de seus elementos e não como o mais importante. Dentro dessa concepção, a educação ambiental é entendida como o esforço de desenvolvimento de uma consciência ambiental de caráter transversal, ou seja, inserida em todas as atividades e preocupações humanas. Em síntese, pode-se dizer que para a educação ambiental dentro de uma ótica antropocêntrica a natureza deve estar a serviço do homem e, na visão ecocêntrica, deve estar acima de seus interesses.

Um exemplo claro de concepção ecocêntrica ambiental é obtido a partir das discussões de Oskamp (2000) e de Howard (2000), que constatam que a sustentabilidade futura da vida humana na Terra está sendo ameaçada devido às ações humanas que estão causando danos possivelmente irreversíveis às condições de vida no planeta. Ilustram essa preocupação com o meio ambiente, mesmo que ainda oscilando ao centralizar as preocupações em termos da vida humana ou, de uma forma mais ampla, com a natureza como um todo. Ainda que possíveis de causar polêmicas, as soluções para se evitar o que chama de desastre ecológico, seriam medidas como a redução do número de bebês por mulher e a redução drástica de terras utilizadas para fins humanos.

De todas as concepções para a educação ambiental, esta certamente é a que se mostra mais adequada para a garantia do futuro do planeta como um todo. Porém é, ao mesmo tempo, a que recebe um maior número de críticas, principalmente por parte de autoridades e governantes, sendo ainda necessário um longo percurso a ser seguido para que ela seja mais amplamente difundida e aceita num mundo que tende a priorizar as atividades econômicas em detrimento de todas as outras.

Ao se pretender o pleno entendimento de como a educação ambiental e a educação em saúde são percebidas

como modificadas ou adaptadas à realidade, é necessário incorporá-las pelo indivíduo na sua concepção de mundo, funcionando como uma interface cognitiva entre o indivíduo e a ideologia social (Jodelet, 1993). Essa relação entre a forma como o indivíduo percebe a vida e a conduta social que adotam, reforça as representações sociais.

A teoria das representações sociais visa a compreender e conceitualizar tanto o poder da realidade quanto a atuação dos sujeitos sociais. E, por serem representações, entre o real, o psicológico e o social há uma interação. Estabelecer conexões entre a vida abstrata das ideias, crenças e a vida concreta do indivíduo e a vida social de troca com os outros. Sendo assim, a construção das representações sociais significa tentar compreender não somente o que as pessoas pensam de algo, mas também como e porque o pensam da maneira que pensam. Nessa perspectiva, emerge, de forma nítida, o papel da linguagem nos processos de simbolização e da atividade social na relação ao sentido que o mundo externo adquire para a vida psíquica (Roazzi, Frederucci & Wilson, 1995).

Considerando o conhecimento existente no mundo, podemos identificar duas fontes ou universos de conhecimento: 1) o universo reificado, voltado para o conhecimento científico, dita a forma como diferentes objetos devem ser percebidos pela sociedade em geral; e 2) o universo cotidiano, baseado no senso comum, o qual se refere à forma como os objetos definidos pelo universo reificado são percebidos ao conhecimento já existentes em indivíduos e grupos da sociedade (Bangerter, 1995).

O conhecimento do universo cotidiano é desenvolvido a partir das representações sociais, são desenvolvidas a partir de fenômenos: ancoragem e objetivação. A ancoragem é a inserção do objeto da representação na rede de referência pré-existente. Dito de outro modo, a ancoragem permite incluir um conhecimento novo no conjunto de conhecimentos já constituído. Como o processo de ancoragem indica, a ancoragem desempenha o papel de

os indivíduos buscam compreender o ambiente físico e social no qual estão inseridos e, ao mesmo tempo, podem ser entendidas como sistemas que dão origem a esses mesmos valores, idéias e práticas. Torna-se, assim, impossível a tarefa de determinar se as representações sociais são causas ou conseqüências de valores, idéias e práticas.

Obviamente, as idéias que são mais discutidas no universo consensual constituem tópicos de interesse da sociedade. Assim, as representações sociais se tornam mais aparentes em tempos de mudanças sociais, com fenômenos que mobilizam a opinião do cidadão comum, como a AIDS, as diferenças entre homens e mulheres, as doenças mentais, entre outros (Moscovici, 1984).

Uma das grandes questões em relação às representações sociais da educação ambiental e da educação em saúde é a obtenção de algo que a própria educação não conseguiu: estabelecer uma linguagem única, um entendimento consensual da realidade e, em última análise, uma conduta social mais favorável para a sobrevivência do planeta e a promoção da saúde coletiva.

Nesse sentido, o presente estudo teve por objetivo a identificação da representação social da educação ambiental e da educação em saúde em estudantes universitários, considerando que este segmento tem mais acesso teórico às discussões mais aprofundadas sobre questões relacionadas ao ambiente e à saúde.

Este estudo foi elaborado na crença de que todos os esforços no sentido de desenvolvimento de leis e ações que visem a condutas ambientais pertinentes podem ser infrutíferos, caso o objetivo maior de sensibilização seja dificultado ou mesmo impossibilitado pela desconsideração da forma pela qual tais temas são concebidos por diferentes grupos na sociedade.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 204 estudantes

Procedimentos

O questionário foi entregue em sala de aula, contando com o auxílio do professor e o consentimento da direção da instituição. O preenchimento de caráter voluntário.

Resultados

As definições apresentadas foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977), sendo codificadas inicialmente de acordo com as propostas por Eckersley (1992): a concepção antropocêntrica e a concepção ecocêntrica. Entrou em evidência a partir dos dados: a concepção antropocêntrica pactuada, a qual se refere um modelo de educação ambiental que se situa entre a concepção antropocêntrica e a concepção ecocêntrica.

Na concepção antropocêntrica, o ser humano é visto como o elemento central da sociedade. Seus objetivos tendem a, na maioria das vezes, não harmonizados com a natureza. A educação ambiental é justificada quando existe algum benefício para o ser humano. É, por exemplo, a educação ambiental alagamento de uma região para a prevenção de enchentes. Quando viável, são enviados recursos para o desenvolvimento de ações que não causem prejuízos à natureza. A crítica a esta concepção é por dois motivos: 1) já demonstramos preocupação com a natureza, se não é o argumento de descaso para a natureza, como pressuposto principal a natureza não pode ser humano, ainda que de um modo indireto.

A educação ambiental, entendida como esforço para que a sociedade promova o desenvolvimento que sejam o menor impacto ambiental, pode-se considerar que houve uma mudança da concepção antropocêntrica pactuada já referida para uma consciência de maior preocupação com a natureza, ainda deficiente por dar lugar à

Tabela 2

Frequência e Porcentagem de Respostas relativas à Representação Social da Educação Ambiental

Categorias	Exemplos de respostas
Concepção antropocêntrica utilitarista	- É uma forma de tratar a natureza, já que tudo o que está aí, é para o nosso benefício; - Aprender para que servem os animais e a natureza como um todo; - É um tipo de educação que ensina como poder desfrutar o que a natureza nos pode proporcionar
Concepção antropocêntrica pactuada	- É saber o que é possível extrair sem prejudicá-la (natureza) - Preservar o ambiente e passar para outros a necessidade de cuidarmos do ambiente onde nós mesmos usufruímos; - Se não conservarmos o meio ambiente, não poderemos desfrutar dele
Concepção ecocêntrica	- Postura que se tem diante do ambiente no qual se está inserido. Está relacionada à questão ética da vida; - Educação que visa discutir questões relacionadas não apenas à ecologia (natureza, ambiente) mas também que amplia essas questões para o relacionamento entre as pessoas

No que se refere à educação em *saúde*, da mesma forma, as respostas foram analisadas e classificadas em quatro categorias principais: 1) saúde como ausência de doença (43%); 2) ênfase na saúde do corpo (22%); 3) saúde como equilíbrio corpo-mente (16%); e 4) concepção ecocêntrica de saúde (8%). A utilização do teste qui-quadrado revelou a existência de uma distribuição proporcional das categorias estudadas na amostra do presente estudo ($\chi^2=62,264$; $p=0,000$).

Discussão

Em relação à educação ambiental, as representações da educação ambiental com concepção pactuada indica que, apesar de seu entendimento ser considerado deficiente, existe um progresso no que se refere à natureza. Esta já não é mais vista apenas como um serviço do homem e que tem a única finalidade de proporcionar uma solução para suas necessidades (Tabela 3).

Tabela 3

Frequência e Porcentagem de Respostas relativas à Concepção de Educação em Saúde

Categorias	Exemplos de Respostas
Saúde como ausência de doença	É ensinar a prevenção da saúde. Como se evitar as doenças. É poder educar para que faça um trabalho sobre a prevenção da doença. Pessoas saudáveis com mais vitalidade e melhor rendimento
Ênfase na saúde do corpo	É saber se cuidar do corpo para ter uma vida saudável Ensinar sobre o corpo humano e seu funcionamento

O progresso é pouco, considerando o que seria desejável em termos de preocupação ambiental, mas já se distancia da visão antropocêntrica utilitarista, na qual, além do homem ser visto como elemento principal da natureza, a preservação do ambiente é defendida pelo simples fato de significar a manutenção da fonte de benefícios para a humanidade.

Em relação à educação em saúde, o entendimento da saúde como ausência de doença e como saúde do corpo, que apresentam as maiores percentagens, parece estar relacionado aos fenômenos identificados atualmente em nossa sociedade de crise informacional e institucional (Leff, 2001), evidenciando que a saúde ainda é entendida de forma imediatista, o que pode indicar a dificuldade de comportamentos preventivos por parte da população. Tal concepção parece estar relacionada ao crescimento dos planos de saúde, diante da constatação de que o sistema de saúde pública está cada vez mais ineficiente, sendo incapaz de proporcionar um atendimento efetivo à população. A discussão acerca de escândalos envolvendo a venda de remédios falsificados e a utilização de genéricos como forma de permitir um maior acesso da população a remédios, por vezes de uso crônico, constitui um bom exemplo de favoráveis iniciativas de incremento na taxa de representação social da educação em saúde relacionada à cura e não à prevenção.

A ênfase na saúde do corpo reduz o conceito de saúde à estética corporal. De acordo com Soares (1997), as origens dos motivos para as condutas sociais em relação ao corpo, às atividades corporais e ao esporte, muitas vezes estão relacionadas a uma industrialização das aparências físicas.

Esse modelo tem sido apoiado pela mídia de uma maneira geral. Em programas de televisão observa-se a existência quase que exclusiva de atores dentro ou abaixo do peso ideal. Esse verdadeiro culto ao corpo está em sintonia com os valores da sociedade ocidental, que valoriza o jovem e o belo, definindo padrões que por vezes contrariam vários parâmetros de saúde. Para ilustrar a idéia, verifica-se que o ideal de peso para os modelos de estética física que fazem

não alcança os seus parâmetros com a proteção das populações e dos ecossistemas ameaçados, onde sem que se considere seu valor os humanos” (Eckersley, 1992). É necessário propor esforços ainda maiores.

A relação entre educação ambiental e saúde deve ser alvo de esforços governamentais e não-governamentais, educativas formais e informais, para um melhor entendimento da relação necessária entre educação ambiental e saúde favoreceria a visão de saúde como um bem coletivo. Em outras palavras, as ações devem ser direcionadas no sentido de que a educação ambiental é, de fato, uma educação em saúde.

Um outro aspecto de interesse é a relação entre educação ambiental quanto em termos de recursos. Os recursos devem ser envidados esforços para o desenvolvimento de programas de educação ambiental como proposto por Grynszpan e Brügger (1994). Não acreditamos que a falta de informações acerca do meio ambiente seja suficiente. A informação, sem o apoio de um esforço vem sendo desenvolvido pelo governo e pela sociedade, tendo em vista o sentido de favorecer a ação. É necessário que a dimensão social transformada em desenvolvimento individual e coletivo, com a ajuda mútua, destacando a participação de todos como fundamentais para implementar a educação ambiental (Mello & cols., 1998; Oliveira, 1998).

É possível constatar que o ambiente é vítima dessas divisões. Inicialmente, os temas são tratados tanto em termos de entidades governamentais e não-governamentais em cada setor, quando existentes, quando existentes.

como base uma informação mais ampla, promovendo o desenvolvimento de representações sobre o ambiente e sobre a educação ambiental que favoreçam o surgimento de concepções ecocêntricas.

Em relação à educação em saúde, devem ser consideradas críticas como as de Merchán-Hamann (1999) apontando que as ações desenvolvidas principalmente em relação à educação em saúde têm sido caracterizadas pela intervenção comportamental, ou seja, pelo objetivo de que a sociedade se comporte desta ou daquela maneira, desprezando o caráter multifacetado do comportamento, o qual é influenciado de forma complexa e interdependente, por valores, percepções, sentimentos, representações e relações de poder. As ações mais amplas, seguindo esse raciocínio, só poderiam ser obtidas diante de esforços contínuos e diversificados, buscando englobar todos os comportamentos relacionados à saúde e ao ambiente.

Referências

- Abrie, J. (1996). Specific processes of social representations. *Papers on Social Representations*, 5, 77-80.
- Bangerter, A. (1995). Rethinking the relation between science and common sense: A comment on the current state of social representation theory. *Papers on Social Representations*, 4, 1-18.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bergman, M. M. (1998). Social representations as the mother of all behavioral predispositions? The relations between social representations, attitudes, and values. *Papers on Social Representations*, 7(1-2), 77-83.
- Brügger, P. (1994). *Educação ou adestramento ambiental?* Santa Catarina: Letras Contemporâneas.
- Eckersley, R. (1992). *Environmentalism and political theory: Toward an ecocentric approach*. Albany: State University of New York Press.
- Grynszpan, D. (1999). Educação em saúde e educação ambiental: Uma experiência integradora. *Cadernos de Saúde Pública*, 15, 133-138.
- Howard, G. S. (2000). Adapting human lifestyles for the 21st century. *American Psychologist*, 55, 509-515.
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: Phénomènes, concept et théorie. Em S. Moscovici (Org.), *Psychologie Sociale* (pp. 357-378). Paris: Presses Universitaires de France.
- Keohane, R. O. & Nye Jr, J. S. (2000). Globalization: What's new? What's not? (And so what?). *Foreign Policy*, 118(Spring), 104-119.
- Leff, E. (2001). *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Medina, N. M. & Santos, E. (1999). *Educação Ambiental: Uma abordagem de formação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Mello, D. A., Rouquayrol, M. Z., Araújo, D., Amadei, M. G., & Gondin, J. & Merchán-Hamann, E. (1999). Os ensaios de saúde na prevenção de HIV-Aids: Subsídios teóricos para uma práxis integral. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(2), 257-264.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of Social Representations. Em S. Moscovici (Orgs.), *Social representations* (pp. 18-54). New York: University Press.
- Navarro, M. B. M., Filgueiras, A. L. L., Coelho, H., Assis, M., Sidoni, M., Soares, M. S. C. & Oliveira, T. A. (2002). Doenças reemergentes, saúde e ambiente. Em *Anais do II Seminário de Saúde e Ambiente*, Rio de Janeiro, 51-57.
- Oliveira, R. M. (1998) A dengue no Rio de Janeiro: Representação popular em saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 14(2), 257-264.
- Oskamp, S. (2000). A Sustainable future for humanity: What can we do? help? *American Psychologist*, 55, 496-508.
- Rapport, D. J., Böhm, G., Buckingham, D., Cairns, Jr., C., de Kruijf, H. A. M., Levins, R., McMichael, A. J., Nielsen, L., & W. G. (1999). Ecosystem health: The concept, the ISHS, and the task ahead. *Ecosystem Health*, 5(2), 82-90.
- Roazzi, A., Frederecci, F. C. B. & Wilson, M. A. (2001). A representação social do medo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 1-10.
- Soares, A. J. G. (1997). Velhos esportistas: Utilidade e saúde. *Revista Brasileira de Esporte e Lazer*, 4(2), 102-120.
- Tavolero, S. B. F. (2001). *Movimento ambientalista e modernização moral*. São Paulo: Annablume/FAPESP.
- Uchoa, E., Rozemberg, B. & Porto, M. S. F. (2000). Ecosystem health: A integração: Saúde e qualidade de vida de grupos populacionais. Em *Anais, I Seminário Nacional de Saúde e Ambiente no Rio de Janeiro*, pp. 15-26.
- Ullan, A. M. (1995). Art and reality: The construction of social representations. *Representations: Threads of discussion*, 4(2), 1-14.
- Vala, J. (1993). Representações sociais – uma psicologia social. Em J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, E. M. (1998). Educação popular como instrumento das estratégias de controle das doenças infecciosas e parasitárias. *Cadernos de Saúde Pública*, 14(2), 39-57.
- WCED (1987). *Our common future*. Report by the World Commission on Environmental and Development. New York: Oxford University Press.